

ARTE ALÉM DA ARTE

PERCURSOS DE PESQUISAS

O 1º Simpósio Internacional de Relações Sistêmicas da Arte ocorreu nos dias 8, 9 e 10 de abril de 2018, no Goethe-Institut de Porto Alegre, e surgiu do desejo de abrir espaço para pensar a arte mais além da obra e do artista, compreendendo-a dentro de um conjunto de relações bastante específicas em articulação à conjuntura histórica atual. Por isso seu tema: *Arte além da arte*.

Quando, em 1990, em tese de doutorado foi utilizado o conceito de sistema da arte definido como: “(...) conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, difusão e consumo de objetos e eventos, por eles mesmos rotulados como artísticos e, também, pela definição dos padrões e limites da Arte para uma sociedade, ao longo de um período histórico”¹, a existência de um sistema da arte no Brasil era ainda negada ou ignorada, e a produção artística pensada de forma autônoma. Ao adotar o conceito de sistema da arte, estamos pensando-o como uma modelagem conceitual que amplia as possibilidades de análise e entendimento de determinada realidade. Buscamos, assim, uma abordagem que dê conta das dinâmicas e complexidades de processos que os conceitos de campo artístico, utilizado por Pierre Bourdieu², ou de mundos da arte, propostos por Howard Becker³ e Arthur Danto⁴ a partir de compreensões bastante distintas, tratavam de forma mais circunscrita.

As ideias de Bourdieu são fundamentais e foram precursoras no seu tempo, entretanto, com o desenvolvimento de reflexões posteriores, principalmente em relação às problemáticas da arte contemporânea, novas e complexas abordagens são exigidas. O autor é pertinente para tratar do campo artístico mais além das obras e dos artistas, todavia, alguns de seus pressupostos foram derrubados pelos desdobramentos que foram sendo colocados pela produção artística e pelas mudanças no panorama econômico e social.

Para lidar com a ampla gama de fenômenos articulados no fluido ambiente globalizado da arte contemporânea, os princípios da teoria da complexidade de Edgar Morin⁵ e da teoria ator-rede de Bruno Latour⁶ apresentam importantes contribuições. Essas teorias auxiliam a compreender que o todo é mais do que a simples soma das partes, e que é preciso trabalhar dentro de um pensamento sistêmico complexo, partindo da sinergia existente entre os diferentes elementos. Compreendemos, portanto, que o que acontece em um ponto do sistema interfere e afeta todos os demais, como uma rede densamente interconectada. Assim, o conceito de *rede* vem a substituir a noção de que o sistema é formado pelo *conjunto*

ou *grupo* de indivíduos e instituições, pois as articulações a partir das quais tais atores se conectam uns aos outros tendem a ser mais importantes do que suas ações isoladas.

Conforme mencionamos, as artes visuais têm se movido ao longo dos tempos por força de arranjos entre agentes e instituições, que juntos atuam na criação e na condução das estruturas legitimadoras e na definição de conceitos do que é ou não arte. No entanto, tais lógicas de legitimação, que envolvem as instâncias de produção, circulação e consumo, estão associadas também a outras esferas que não as específicas do contexto artístico. Em especial a partir dos anos 1980, essa configuração foi se modificando com a ampliação dos limites do universo da arte contemporânea e a entrada de novos atores no cenário. Entre os fatores determinantes do processo, estavam os novos parâmetros relacionados à arte e à política cultural de incentivo e promoção da arte contemporânea implantada em diversos países. No Brasil, houve um aumento dos investimentos público e privado no setor, principalmente em função das leis de incentivo fiscal. Nesse mesmo período, a categoria dos megacolecionadores reassumiu um importante papel dentro do cenário internacional, contribuindo diretamente na arquitetura de uma nova hierarquia social e econômica de artistas e obras, realinhada à escala de circulação e atribuição de valores da época. Assim, dinâmicas de hierarquização baseadas nos interesses do mercado da arte foram se fortalecendo, resultando na valorização de determinados artistas e, conseqüentemente, de algumas coleções.

A arte contemporânea ampliou sua penetração junto ao grande público, mediante forte e constante apoio do Estado e do capital privado. Para realizar a integração entre essas duas esferas e ser considerada produto tanto cultural quanto econômico, a arte contemporânea foi transformada em um fenômeno de comunicação, de mídia e de mercado. A principal estratégia para torná-la acessível e compreensível simultaneamente ao grande público e aos investidores foi através da espetacularização de exposições em megaexposições, fenômeno comumente observado nas bienais, nas grandes exposições itinerantes e nas feiras de arte.

Os megaeventos, com mais atenção e rubricas específicas dos orçamentos para as estratégias de marketing das mostras, ampliaram o mercado e o público de arte contemporânea, que passou a ter mais aceitação e visibilidade. Pessoas que nunca haviam frequentado exposições de arte modificaram sua atitude, tornando-se público desses eventos e abrindo espaço para a consolidação de outros atores tanto no mercado como no sistema. Além disso, grandes exposições organizadas – em geral, mostras do tipo bienal – que ocorrem em zonas periféricas passaram a ter mais destaque, como Havana, Istambul, Sydney, Johannesburg, Taipei e tantas outras. Esses exemplos servem para ressaltar que as transformações ocorridas na circulação das obras, nas três últimas décadas, residem em grande parte no fato de o mercado de arte ter deixado de funcionar como uma justaposição de sistemas nacionais

que se comunicavam – bem ou mal – entre eles, mas sim como um sistema global. Também é relevante mencionar como os mecanismos econômicos e técnicos da globalização das transações e da financeirização das economias interdependentes exerceram uma influência decisiva sobre a estrutura de funcionamento do mercado de arte.

No entanto, a aparente dispersão de locais de criação, exibição e, eventualmente, de venda não exclui um grau elevado de concentração do mercado mundial. Os atores culturais e econômicos que possuem maior autoridade para descobrir, selecionar e valorizar artistas e obras são aqueles que ainda têm reconhecimento do *mainstream* internacional. Enquanto os artistas vêm de vários lugares, o acesso a uma carreira internacional costuma ficar a cargo de uma grande galeria, geralmente norte-americana, preferencialmente nova-iorquina. Dessa forma, os espaços constituídos acabam por perpetuar a hegemonia central e continuam a controlar a elaboração dos valores e das reputações.

Arte contemporânea, com suas novas formas de expressão, teve que procurar outros modos de inserção no mercado. Podemos interpretar, então, a crescente oferta de feiras de arte em diferentes países como o alastramento de novos circuitos comerciais que, além de buscarem maior polifonia no mundo da arte, também estão atentos às possibilidades contidas na compreensão de arte como investimento, acompanhando a expansão do mercado e o desdobramento de novos regimes de valor.

No sentido de compreender essas novas condições de desenvolvimento da arte contemporânea, o Grupo de Pesquisa *Territorialidade e subjetividade* vem trabalhando com foco no sistema da arte e suas interconexões, atuando sob a coordenação de Maria Amelia Bulhões, cuja trajetória de pesquisa tem sido dedicada a ampliar o entendimento deste tema. No Mestrado⁷, defendido em 1983, investigou as disputas entre os sistemas acadêmico e modernista durante o Estado Novo. Em 1990, formulou o conceito de sistema da arte com base na análise do contexto das artes visuais nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil, em sua já citada tese de Doutorado. Bulhões vem produzindo uma série de ações que contribuem para a difusão do tema na historiografia da arte no País. Esteve à frente da implementação do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, PPGAV/UFRGS, em 1991, quando instituiu *Relações Sistêmicas da Arte* como uma de suas linhas de pesquisa.

Desse ambiente de produção científica e cultural emergiu um conjunto de dissertações e teses sob sua orientação, como a dissertação de Nei Vargas⁸, em 2008, a dissertação e a tese de Bettina Rupp⁹, defendidas sucessivamente em 2010 e 2017, e a tese de Bruna Fetter¹⁰, de 2016. Parte dessas pesquisas integrou o livro *As Novas Regras do Jogo*¹¹, lançado na versão impressa e e-book pela Editora Zouk, em 2014, rendendo, nos anos subsequentes, uma série de palestras e cursos que fortaleceram as ações do grupo.

Dentro do GP, Grupo de Trabalho constituído por Maria Amelia Bulhões, Bruna Fetter e Nei Vargas da Rosa, vêm se desenvolvendo atividades com vistas a ampliar o alcance de suas pesquisas, como a organização de duas disciplinas no PPGAV/UFRGS, oferecidas também como Curso de Extensão, integrando discentes e docentes do Programa e públicos variados da comunidade. Em parceria com a Galeria Mamute, foi realizado o Seminário *Arte, Valor e Mercado*, com a participação de Maria Lucia Bueno e Ana Letícia Fialho, no Santander Cultural em 2016. Nesse momento, foi dado início ao projeto do segundo livro do grupo, que se propõe a refletir questões conceituais e conjunturais do sistema da arte contemporânea tendo por base um conjunto de entrevistas concedidas por agentes de relevância no cenário nacional, que deverá ser publicado em breve. Essas experiências evidenciaram a necessidade de abrir espaço para um modelo de encontro que construísse canais mais amplos de reunião e conexão entre investigações, no qual algumas das dinâmicas de configuração do campo das artes visuais estivessem sendo expostas ao escrutínio de diversos pesquisadores.

Assim surgiu a proposta do 1º Simpósio Internacional de Relações Sistêmicas da Arte, que teve o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS como seu promotor, afirmando o compromisso do campo acadêmico e a importância de seu protagonismo na ampliação dessas discussões. O Simpósio se propôs a debater as transformações do(s) modo(s) de operação pelo(s) qual(is) a produção das artes visuais vem passando, em um evento transdisciplinar em essência, disposto a abrir o diálogo entre pesquisadores das Artes, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Letras, Tecnologia, Ciências e de todas as demais áreas interessadas em pensar o tema, reunindo, assim, pesquisadores com interesse na ampla gama de relações possíveis que permeiam o fazer artístico, sua legitimação, visibilidade, circulação e acesso.

Um evento que almeja estabelecer conexões deve incorporar tal noção nas estruturas que o constituem, estabelecendo parcerias fundamentais para sua realização. O Goethe-Institut, que tem por prática sistemática abrigar distintas manifestações das artes visuais de forma sólida, democrática e permanente, teve papel determinante nessa construção ao abraçar o projeto desde seus primeiros passos. O evento contou, ainda, com o apoio financeiro do Edital PAEP/CAPES, para gastos específicos do Simpósio, e do CNPq, que financia bolsas de pesquisa que possibilitam o desenvolvimento do trabalho reflexivo do Grupo de Pesquisa. A parceria com a Galeria Mamute foi fundamental no gerenciamento das inscrições, assunto que envolve confiança e paciência. E, claro, não poderia deixar de ser mencionada a equipe de apoio constituída por Alessandra Greffe Grade, Cristina Ribas, Cristiane Marçal, Denis Rodrigues, Gabriela Cunha, Mirele Pacheco e Zeca Brito, que, com competência, fizeram andar essa engrenagem ao longo dos três dias do Simpósio. Todos eles

são alunos do Instituto de Artes e do Programa de Pós-Graduação da UFRGS, que estão sob orientação da coordenadora do projeto, Maria Amelia Bulhões, e assumiram esta tarefa voluntariamente.

Em sua primeira edição, o Simpósio foi alicerçado em três eixos de investigação. O primeiro abordou a arte que foge aos princípios preestabelecidos, buscando novas formas de ação e reflexão, expandindo suas possibilidades de compreensão, viabilizando entrecruzamentos de campos nos processos artísticos, fazendo uso de procedimentos e meios tecnológico-digitais que transformam as relações do trabalho artístico. Ou seja, debateu-se a respeito das forças de renovação de antigas práticas. O segundo focou nos desdobramentos do sistema da arte na economia de mercado. Para tanto, discutiu sua transformação, centrando o debate nos processos de institucionalização, financeirização e empresariamento, pelos quais a produção artística e as instituições culturais vêm sendo conduzidas, em meio ao protagonismo da economia de mercado na construção de valores na contemporaneidade. O terceiro eixo propôs atualizar discussões a respeito das estratégias e relações que abarcam as noções de global e local no mundo de hoje. Os debates giraram ao redor da atuação das feiras, bienais e grandes exposições, bem como das transformações do mundo contemporâneo: circulação de pessoas, informações e bens, pontes de diálogos entre territórios. Foram discutidas as contradições e conexões nesses fluxos, bem como a construção de hegemonias e o reforço das margens, e como pensar relações centro-periferia hoje.

Para abranger as questões propostas a partir dos eixos centrais, foram oferecidas quatro palestras internacionais que discutiram temas como a configuração e o papel das bienais no mundo hoje (Sabiha Keyif, Alemanha), as possíveis estruturas que compõem o sistema da arte contemporâneo (Alexandre Melo, Portugal), o papel do colecionismo e a institucionalização de coleções (Adelaide Duarte, Portugal), bem como a função crítica de curadorias e de instituições nas reescritas da história da arte (Ramón Castillo, Chile).

Com o intuito de estabelecer discussões que perpassassem as relações estabelecidas dentro/no sistema da arte contemporâneo, foi proposto um modelo de encontro focado em trocas que se conectassem. Contando com a convergência de objetos de pesquisa, o Simpósio teve como finalidade criar uma rede de difusão de conhecimento, aprofundando os vínculos gerados, independentemente da área de conhecimento de cada participante. Dentro dessa premissa, foi fundamental atrair pessoas de variadas correntes de pensamento, com disposição para questionar a noção de autonomia da arte e os arranjos de forças implicados nos mecanismos do campo artístico.

Os resultados alcançados no Simpósio superaram as expectativas que constavam no

projeto inicial, tanto em termos de palestras internacionais como da estrutura e realização das mesas temáticas. Foram recebidas 98 propostas de comunicações, analisadas por uma Comissão Científica composta por 11 pesquisadoras e pesquisadores nacionais e internacionais, que prontamente atenderam a difícil tarefa de assumir o papel judicativo na seleção de um conjunto de submissões de excelente qualidade. A Comissão seguiu os seguintes critérios: oportunidade e relevância da discussão proposta; qualidade e coerência da argumentação; adequação à temática do evento. Dessas submissões, foram selecionadas 42 propostas de diferentes disciplinas, originárias de 17 universidades entre Brasil, Portugal e Espanha, representando o trabalho de 48 pesquisadoras e pesquisadores. Em termos de público o Simpósio atingiu resultados além do esperado, ocupando o limite de capacidade do auditório do Goethe-Institut ao trazer públicos de Porto Alegre, interior do RS e de outros estados.

Um aspecto relevante foi a aposta em uma estrutura de funcionamento aberta a trocas, que se revelou um ponto positivo e merece ser destacado. O Simpósio foi organizado para que fossem possíveis a exposição de ideias e os debates das reflexões delas originadas. Assim, foi previsto um generoso espaço de tempo para as discussões após as apresentações das comunicações que compunham as mesas, o que contribuiu para que questões pudessem ser aprofundadas. Desse modo, foi possível articular argumentações e confrontos de ideias de grande potência sobre temas centrados nas particularidades do sistema, mas também sobre outros aspectos que, a princípio, se encontrariam alijados do domínio específico da arte, mas que devidamente articulados se mostram decisivos para a compreensão do campo artístico no contexto contemporâneo.

O Grupo de Trabalho segue suas atividades, dentre as quais se encontra o presente e-book, registro importante do Simpósio que reúne as comunicações proferidas nas conferências e nas mesas. Sua leitura permite adentrar no universo de temas e problemáticas abordados pelos conferencistas e comunicadores participantes. Ainda como parte das finalizações do 1º Simpósio, foi colocado no *site* do evento um relato descritivo e um vídeo, produzido por Zeca Brito e Frederico Ruas, que documenta, de forma criativa, um pouco do que foram esses dias de intensas e produtivas atividades.

Dando continuidade aos debates e reflexões, o Grupo também está participando da organização de um encontro acadêmico para discussões sobre o mercado de arte e o colecionismo, a ser realizado na Universidade Nova de Lisboa, em novembro de 2019. Este evento resulta do trabalho que vem sendo realizado pelo Subcomitê *Mercado de Arte e Colecionismo: Brasil, Espanha e Portugal*, vinculado ao *The International Art Market Studies Association* – TIAMSA, no qual o Brasil está representado pelo GT e por Marcílio Toscana

Franca Filho, procurador do Ministério Público e professor de Direito na Universidade Federal da Paraíba.

Fechando esta apresentação, cabe reafirmar a satisfação com os resultados obtidos na realização do 1º Simpósio Internacional de Relações Sistêmicas da Arte, com todas as atividades e pessoas que o envolveram. Realmente, foi muito gratificante verificar uma confluência de interesses e preocupações dentro de circuito de arte, indo além da obra e do artista, para pensar as diferentes inserções dessas práticas na sociedade contemporânea.

Maria Amelia Bulhões, Bruna Fetter e Nei Vargas